

A Pandemia de 1918: a Gripe Espanhola em Alegrete

Anderson R. Pereira Corrêa

Edson R. Monteiro Paniagua

Universidade Federal do Pampa
Ciências Humanas/Ciências Sociais-Ciência Política.

A Primeira Guerra Mundial, (1914-1918) deixou um rastro de 10 milhões de mortos, 20 milhões de feridos e mutilados e uma Europa devastada. No final dessa guerra, na sua esteira, nos anos de 1918 e 1919, a Gripe Espanhola, segundo estimativas, dizimou 50 milhões de pessoas, sem fronteiras, bandeiras e trincheiras. Essa foi a maior pandemia da história da humanidade em meados do Séc. XX, atrás apenas da peste negra do ano de 1346, na Europa, na Ásia e norte da África.

No Brasil, a gripe espanhola (Influenza H1N1) teve seus epicentros nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em São Paulo, se estima que um terço da população (530 mil habitantes em 1918) tenham contraído a influenza e 5.000 mil mortos. No Rio Grande do Sul foram 3.971. No município de Alegrete a pandemia, chegou em outubro de 1918 e matou cerca de 250 pessoas, segundo interpretações médicas da época, com uma curta duração, até o mês de janeiro de 1919. O conhecimento médico estava preso a concepções do Séc. XIX e acreditava-se que a influenza era uma bactéria. Em 1918 alguns estudos médicos de ponta passaram a pensar na possibilidade de a gripe ser um vírus, o que foi se confirmar a partir da década de 1930. O saber médico e as autoridades sanitárias do fim do século XIX e início do Século XX compartilhavam a “teoria dos miasmas”, quer dizer, pensavam que as epidemias tinham origem na matéria orgânica em putrefação e nas águas estagnadas. Assim os locais putrefatos e sujos das cidades corrompiam o ar e transmitiam doenças. (ABRÃO, 1998.p.19) Estávamos diante de uma nascente República, sem leis de proteção social, sem legislação trabalhista, previdenciária, um sistema de saúde incipiente e precário, permeado pelo desconhecimento da influenza. O caos parecia ser a ordem, na República Oligárquica, feita por poucos, para poucos.

Como a oligarquia local (os coronéis) agiram pra preservar a saúde e a vida das pessoas durante a pandemia da Espanhola em Alegrete?

A gripe espanhola no Rio Grande do Sul

Janete Abrão (1998) em pesquisa sobre a Gripe Espanhola na cidade de Porto Alegre e Renata Ferreira (1997) na cidade de Pelotas, analisaram esse evento a partir dos comportamentos coletivos. As historiadoras afirmam que em meados do séc. XX, o pensamento médico, higienista e o senso comum possuíam suas características próprias. As conclusões que as historiadoras chegam são convergentes no que diz respeito ao pensamento da época. Tanto na cidade de Porto Alegre, como na cidade de Pelotas, a pandemia era considerada benigna, de que o vírus estava no ar e que era necessário combater a histeria e o pânico, pois esses sentimentos poderiam potencializar o contágio da doença. Na cidade de Porto Alegre em 1918, ocorreram 70 mil casos de Gripe

Espanhola, com 1.316 mortes, num universo de 192 mil habitantes, dados esses significativos. A intendência dessa cidade improvisou hospitais em alguns pontos da cidade; criou o comissário de abastecimento; dividiu a cidade em 25 quarteirões sanitários com um médico por quarteirão; estabeleceu o preço mínimo de gêneros alimentícios; proibiu os enterros a mão e estabeleceu a censura sob os órgão de imprensa. Diversos setores da sociedade se mobilizaram pra minorar o sofrimento das pessoas. (ABRÃO, 1998.p.119)

Renata Ferreira (1997) afirma que, quando chegaram à cidade de Pelotas, as primeiras embarcações com pessoas acometidas pela influenza, os jornais solicitaram providências urgentes. A partir dos primeiros casos, a imprensa muda o discurso, contemporizando, buscando passar tranquilidade á população, pois seria uma gripe comum. Os jornais, Diário Popular e Opinião Pública, afirmavam que o alarme e a depressão eram os maiores responsáveis pela transmissão da epidemia. Existia uma crença antiga de que, nomear o mal poderia atraí-lo. Passados os primeiros dias, a imprensa se divide. O Diário Popular (governista) continua minimizando a situação epidêmica e o jornal Opinião Pública (oposição) assume uma postura mais sensacionalista. No dia 04 de novembro 1918 teve início a censura policial à imprensa. (FERREIRA, 1997.p.140)

A gripe espanhola em Alegrete

Como o poder público municipal agiu pra lidar com a Gripe Espanhola em Alegrete? Na República Oligárquica, (dos Coronéis) a Prefeitura chamava-se Intendência e o prefeito denominado intendente. Em 1919, o intendente Joao Benício da Silva apresentou para o Conselho Municipal o seu Relatório. De acordo com João Benício, a influenza Espanhola, uma devastadora peste da guerra, que, depois de assolar os acampamentos beligerantes da Europa, se disseminou pelos países, penetrou no Rio Grade do Sul pela viação férrea, pela Barra do Rio Grande e pelo Rio da Prata. Sobre a origem da pandemia em Alegrete, Joao Benicio escreve “(...) os primeiros casos da influenza foram constatados no dia 26 de outubro, importados de Uruguaiiana, por pessoas que tinham ido a passeio ou a negócio. Em seguida, outros casos vindos de Porto Alegre, por estudantes, que retornavam ao seu lar fugindo da pandemia. (...)”. No mesmo Relatório, o intendente resume a chegada da pandemia na cidade na seguinte frase: ***“Assim a pandemia atacou primeiro a classe superior da sociedade estendendo-se depois à população pobre.”***

Nas palavras do Dr. Severino de Sá Brito (Diretor de Higiene) “o número de óbitos de gripe, a meu ver, não é a expressão da realidade, pois os atestados de óbito do aparelho respiratório, digestivo, do sistema nervoso, tuberculose pulmonar, e sem assistência médica, foram em maioria causados por esse mal.” Ele afirma que “A enganadora gripe nos arrebatou cerca de 200 vidas (...)”.

A primeira vítima da Gripe Espanhola em Alegrete foi o Juiz da Comarca Dr. Manoel Luiz Romero. Também faleceram, ente tantos, Paulo Carus (Juiz Distrital) e o médico Pedro Pittella que foi contagiado com o vírus, enquanto atendia aos enfermos. A polícia ficou sem pessoal. Nem para a guarda da cadeia havia efetivo. Faz-se interessante observar que os furtos e desordens diminuíram pela metade nos meses de

epidemia. De 1918 pra 1919 houve uma queda na arrecadação do município. A maioria da população vivia na zona rural e quase 70% da população era. A maior parte do orçamento era destinado à segurança, pra polícia. O município possuía um hospital modesto, a Santa Casa de Caridade. Com a Gripe Espanhola faltaram operários para manutenção e limpeza da cidade, também para as obras e a economia em geral. O intendente comprou mais um terreno e aumentou o cemitério municipal. No Relatório de 1919 o Intendente afirmou que o estado sanitário da cidade e da campanha era excelente. Outras fontes da época afirmam que a cidade era extremamente insalubre, sem saneamento básico (água encanada e nem esgoto) e com bolsões de miséria em arrabaldes como Canudos e Lata.

No Relatório do Intendente Joao Benício, de 1919, ele afirma que Alegrete possuía 15.000 habitantes. Observando-se outras fontes, chegamos a números diversos. Outra fonte apresenta, para o ano de 1921, 30.905 habitantes em todo município. Destes, 11.257 na cidade e 19.648 na zona rural. Nas estimativas de Joao Benicio e Sá Brito a pandemia matou 1,33% da população do município. É possível que tenha sido menos.

Santa Casa de Caridade de Alegrete



Fonte: ARAÚJO FILHO, 1908.

O intendente Joao Benicio, reuniu, no dia 07 de novembro, o corpo médico da cidade e dividiu-a em seis zonas. Cada zona com o atendimento gratuito de um médico. 1ª zona: Celestino de Mouta Prunes; 2ª Zona: Dr Joao Ayard; 3ª Zona: Dr. Titto Marengo; 4ª Zona: Dr. Alexandre Lisboa; 5ª Zona: Dr. Pedro Pittella; 6ª Zona: Dr. Severino Sá Britto e Mario Brasil. É importante observar que naquela época não havia sistema de saúde público. O número de atendimentos realizados pelos médicos, de acordo com o jornal governista A Federação, foi o seguinte: Lisboa – 200; Ayard -170, Saint Pastous -83; Marengo – 143; Pittella – 127; Prunes -103 e Mena Barreto – 70. (Mena Barreto era o médico da Guarnição). Esses dados mostram que foram feitos 896 atendimentos.

Os primeiros Atos Administrativos (Decretos) do Intendente ocorreram em novembro de 1918. A seguir, uma descrição das ações do intendente de Alegrete pra conter os efeitos da pandemia da Gripe Espanhola no município: Ordenou a desinfecção dos domicílios; Proibiu aglomeração na gare da estrada de ferro. Criou hospital isolado fora da zona urbana. Criou um hospital no Regalado – internados 32 e faleceram 6. Criou hospital dentro da cidade destinado a recolher os enfermos pobres (no edifício do Colégio Elementar internados 34 e faleceu 1); Dividiu a cidade em zonas que entregou a médicos desta localidade; Nomeou comissões pra distribuição de alimentos e medicamentos aos enfermos; O município abriu crédito especial pra socorrer os enfermos da gripe; Limpeza de prédios e quintais; Suspendeu o funcionamento de escolas, teatros, casas de diversão; Proibiu velórios nas igrejas de pessoas mortas com a moléstia; Proibiu o transporte de cadáver a mão; Tabelou os preços de gêneros alimentícios. O intendente diz, em seu Relatório, que teria incentivado e tido o apoio de pecuaristas pra fornecerem carne mais barata para a população pobre. Outras ações foram registradas como os grupos solidários e voluntários Comitê da Cruz Banca, Confraria do Carmo, Apostolado da Oração e Filhas de Maria.

Sobre o ano de 1918, havia uma previsão de gastos e aquilo que realmente foi pago. Na previsão, a polícia possuía o maior orçamento, 21,3%, em segundo lugar vinham os Serviços Públicos com 19%, Assistência com 2,6%. Para Assistência Epidêmica não havia previsão orçamentaria de recursos. O que foi efetivamente gasto pelo município? Houve um remanejamento dos recursos. Foram diminuídos os recursos de Obras Públicas, Pessoal Inativo e Auxílios. Aumentaram os recursos pra Assistência Epidêmica, Eventuais e mantiveram a mesma proporção de recursos pra Guarda Municipal e Serviços Públicos. O que realmente foi gasto ficou em 21,1% do orçamento pra polícia, 21% pros Serviços Públicos, 6% pra Assistência e 6% pra Assistência Epidêmica.

Considerações finais

Observando-se a Estatística de óbitos do período de 1901 a 1920, o ano de 1918 teve aproximadamente 250 óbitos acima da média do número de óbitos que vinham ocorrendo. A pandemia da gripe espanhola teve como consequência, anos mais tarde, um maior investimento em saneamento e na criação de Hospitais em várias cidades Brasileiras, inclusive em Alegrete. As ações do poder publico municipal de Alegrete foram semelhantes as atitudes do intendente de Porto Alegre. Ao observar a avaliação dos médicos de Alegrete, da Diretoria de Saúde, Sá Brito, sua análise é diferente daquela produzida pelas autoridades de Porto Alegre. As autoridades de Porto Alegre minimizaram os efeitos da gripe espanhola e a autoridades de Alegrete consideraram que inclusive os casos de mortes sem assistências médica também poderiam ser contabilizados como casos de gripe espanhola. Os investimentos de recursos, em termos percentuais, pra combater a pandemia, em Alegrete, foram maiores que os gastos do Estado e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Indicativo de diferença no enfrentamento à pandemia por parte da oligarquia local. Aqui, os coronéis investiram mais e trataram de forma mais críticas os dados sobre o número de mortes causadas pela

epidemia. Isso seria possível devido às características do PRR local e da presença mais significativa de uma oposição?

A Primeira Guerra Mundial, a gripe Espanhola, a Revolução Russa, a República de Weimar e a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, sepultaram o Liberalismo. Por ironia, presenciamos o Neo Liberalismo tendo sua prova na Pandemia do Coronavírus (Covid-19), em 2020. Os governos diziam que estava tudo sob controle, que era uma gripe benigna, que era bom não provocar pânico pois o medo poderia diminuir a imunidade. Diziam que era necessário censurar a imprensa pra não produzir o pânico e histeria. Na verdade tinham medo de uma revolta popular que contestasse a ordem político econômica e social.

Referências:

A FEDERAÇÃO, 12/09/1918.

ARAÚJO FILHO, Luiz. *O município de Alegrete*. Coqueiro, 1908.

ABRÃO, Janete Silveira (1998). *BANALIZAÇÃO DA MORTE NA CIDADE CALADA: a Hespânica em Porto Alegre, 1918*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. pp. 51–72

FERREIRA, Renata Brauner. *A Gripe Espanhola em Pelotas*. História em Revista. Pelotas, v.3, novembro 1997, Ed. UFEPE, 1997. p.137-150.

MUNICÍPIO DE ALEGRETE, Relatório apresentado pelo Intendente municipal de Alegrete João Benício da Silva ao Conselho Municipal em sua primeira sessão de 20 de setembro de 1919. Livraria Coqueiro, 1920.